

## SER OU ESTAR: EIS A QUESTÃO

Helen Santos ALVES  
Universidade do Minho

### RESUMO

Esta comunicação trata de um estudo semântico/pragmático dos verbos SER e ESTAR que procura vê-los à luz da Teoria da Relevância, desenvolvida e proposta por Dan Sperber e Deirdre Wilson.

Estes verbos portugueses são ambos traduzidos por um único verbo inglês, o verbo TO BE, o que, a priori, demonstra uma divisão, em Português, dos conceitos inerentes a cada um. Sabendo, de antemão, como existem situações em que o uso de qualquer um deles parece ser indiferente, sabe-se também que há outras em que só a utilização de um se pode considerar gramatical e/ou aceitável. Porquê?

Eis a questão que tem preocupado há muitos anos um grande número de gramáticos e de linguistas, estudiosos da língua portuguesa (tanto do Português Europeu como do Português Brasileiro em especial) e da língua espanhola (também tanto do Espanhol falado na Espanha, como daquele falado nos países da América do Sul em especial).

Este problema tem sido difícil de solucionar, parecendo ser, no entanto, possível, à luz da teoria pragmática mencionada em cima, uma explicação mais de acordo com a cognição humana.

## ABSTRACT

A semantic/pragmatic study of the verbs SER and ESTAR is the subject matter of this paper which tries to look at them in the light of the Theory of Relevance, developed and proposed by Dan Sperber and Deirdre Wilson.

These Portuguese verbs are both translated by the English verb TO BE, which, a priori, illustrates the division, in Portuguese, of the concepts which are inherent in each. Knowing, beforehand, how there are situations in which the use of either seems to be indifferent, we also know there are others in which the use of only one of them can be considered grammatical and/or acceptable. Why?

This is the question which has preoccupied a large number of grammarians and linguists, scholars of the Portuguese language (both of European Portuguese and of Brazilian Portuguese especially) and of the Spanish language (also especially both of the Spanish spoken in Spain and of that spoken in the countries of South America).

This problem has been very difficult to solve, though an explanation more in accordance with human cognition seems to be possible in the light of the pragmatic theory mentioned above.

O estrangeiro que quiser falar bem o Português debate-se com o seguinte problema: 'É SER ou ESTAR que devo utilizar nesta frase?'

Este foi sempre um dos grandes problemas no ensino das línguas Portuguesa e Espanhola e houve professores no Continente Americano, pelo menos, que acabaram por aconselhar aos seus alunos que utilizassem o verbo ESTAR sempre que tivessem de traduzir o verbo Inglês TO BE nas frases locativas (Franco, 1979). Isto, claro, para simplificar esta árdua tarefa tanto para os alunos como para o professor.

Para um falante nativo da língua portuguesa, a escolha de um ou outro destes dois verbos não oferece dificuldade nenhuma, quer seja nativo do Português Europeu ou Luso, quer do Português do Brasil (não falando do Português falado nos restantes países de língua Portuguesa). É um conhecimento adquirido mais ou menos inconscientemente pelo nativo à medida que, a partir do seu nascimento, vai crescendo rodeado dos falantes da sua comunidade. Um conhecimento que já faz parte do seu próprio Ser, da sua própria realidade psicológica, e que lhe é difícil explicar a um estrangeiro de um modo tão claro que possa servir para todas as situações e/ou contextos.

O problema é semântico e pragmático. Um falante nativo da língua portuguesa, mesmo sem nenhuma instrução formal, saberá sentir a diferença, saberá utilizar ou o SER ou o ESTAR de modo correcto, de modo a transmitir a outrem, que seja um falante nativo também, aquilo que ele ou ela queria transmitir mais ou menos exactamente.

Claro que, em frases de identidade, como, por exemplo,

O Presidente é o João.

O Carlos é aquele rapaz.,

todos sabemos que só o verbo SER é possível. Mas o mesmo não acontece em relação às frases adjectivas. Neste caso, podemos escolher ou SER ou ESTAR, conforme alguma coisa que sentimos e que é difícil de explicar.

Sabemos que há algo de diferente entre dizermos que

A Amélia é bonita. ou que A Amélia está bonita.,  
 O Pai é velho. ou que O Pai está velho.,  
 O João é doutor. ou que O João está doutor.,  
 A praia é boa. ou que A praia está boa.

Embora em alguns casos se não note grande diferença visto qualquer diferença que possa existir não importar distinguir nesse momento, há outros casos em que o uso, ou do verbo SER, ou do verbo ESTAR tem certas implicações dentro do seu contexto que ao ouvinte possam interessar.

Por exemplo, dizermos que uma praia é boa significa para a maioria das pessoas, se não a todas, que para o falante, pelo menos, aquela referida praia é uma praia que vale a pena frequentar por ter as qualidades necessárias para umas férias bem passadas junto ao mar.

Dizermos que uma praia está boa já é mais ambíguo, e só se pode desfazer esta ambiguidade com conhecimentos de várias espécies, ou seja, o ouvinte tem de estar armado de um conhecimento sobre o contexto, este último formado de toda a informação que ele tenha sobre o falante, a comunidade em que se encontra inserido, e incluindo a sua própria experiência relacionada com o tema 'praias'.

Vamos pensar nos seguintes exemplos:

1a. A praia é boa.

2a. A Amélia é bonita.

1b. A praia está boa.

2b. A Amélia está bonita.

3a. O Pai é velho.

4a. O João é doutor.

3b. O Pai está velho.

4b. O João está doutor.

5a. Ela é rica.

5b. Ela está rica.

As frases 1a., 2a., 3a., 4a., 5a., que têm SER como verbo, não parecem oferecer qualquer dificuldade. O falante ou locutor que

diz que 'A praia é boa' está a dar-nos, parece, a sua própria opinião sobre a qualidade da praia. Quando diz que 'A Amélia é bonita', dá-nos a sua própria opinião sobre a qualidade física da Amélia, geralmente limitada às feições do rosto, que pode ou não incluir o cabelo que o rodeia. Quando o locutor diz que 'O pai é velho', está a relatar ao seu ouvinte que considera o seu Pai uma pessoa bastante idosa, de facto, tanto pelo número de anos que já passaram por ele como pelo aspecto com que esses anos o marcaram. Quando o locutor diz que 'O João é doutor', está a informar o seu ouvinte sobre a profissão ou a categoria desse mesmo João; e quando profere as palavras 'Ela é rica', está a transmitir a informação de que, em sua opinião, essa menina ou senhora tem um grande poder de compra.

O que se nota, pelo menos a priori, é que o verbo SER serve como indicador de uma informação qualquer considerada como verdadeira pela pessoa que pronuncia a frase em que se encontra inserido. Claro que o falante pode não estar a ser sincero, mas a informação está a ser transmitida como facto verídico.

Os exemplos 1b., 2b., 3b., 4b., 5b., diferem apenas na utilização do verbo ESTAR em lugar do verbo SER. Qual será, autenticamente, a diferença entre usarmos um verbo ou o outro?! Porque será que o locutor ou o falante utiliza o verbo ESTAR em vez do verbo SER?! Querereá simplesmente dizer que 'A praia é boa', 'A Amélia é bonita', 'O Pai é velho', 'O João é doutor', 'Ela é rica'?

Penso que estaremos todos de acordo: a nossa resposta, como nativos da língua Portuguesa, será 'não'. Se o locutor ou falante quizesse apenas qualificar os sujeitos destas frases, escolheria o verbo SER pois este bastaria para transmitir o facto que o falante quizesse transmitir.

A utilização do verbo ESTAR parece então que provém de algo mais rico, mais cheio de sentido ou significado, de algo que dá origem à formação de novas e variadas ideias através da criação de implicações que provém de um raciocínio lógico que é comparável ao que acontece na Matemática, onde sabemos que se adicionarmos uma unidade a outra, temos como resultado duas unidades, e por aí fora.

Conforme nos explicam Sperber e Wilson (1986), quantos mais dados possuímos no nosso cérebro que se possam juntar ou relacionar a um ou mais dados novos, mais dados novos ainda nos é possível adquirir. É este o poder do raciocínio do ser humano e só isto nos pode explicar como é que nos é possível chegar à obtenção de tantas e tão variadas implicações, ou seja, à obtenção de tantos e tão variados factos ou conhecimentos ao ouvirmos apenas uma simples frase como qualquer das cinco aqui apresentadas com o verbo ESTAR.

Por exemplo, se um falante se dirigisse a mim e me dissesse:

1b. A praia está boa.,

quais seriam as implicações a que eu poderia chegar? Penso que a primeira hipótese que viesse ao meu raciocínio seria que, na opinião do locutor, a praia a que se está a referir apresenta-se naquele mesmo momento muito atraente. No entanto, se eu, como ouvinte a quem ele se dirigiu, estivesse realmente interessada nessa praia, talvez porque a visse como possível local de férias, começaria a formar umas hipóteses sobre ela. Se essa praia fosse sempre considerada como boa, acharia que o falante não necessitaria de usar outro verbo que não fôsse o verbo SER. Por isso, ficaria a pensar que alguma razão tinha o falante para ter utilizado o verbo ESTAR.

O verbo ESTAR parece referir-se sempre ao momento a que se refere o falante. Por isso, se ele profere essa frase à minha frente e naquele momento, é porque há interesse em se referir àquele momento e, se o falante achou que havia interesse em falar do estado da praia nesse momento, seria porque todos os restantes momentos dessa praia não são iguais a esse. Portanto, o uso de ESTAR aqui far-me-ia logo perceber, ou chegar à conclusão de que, esta praia não está sempre boa e de que até há a possibilidade de ela não ser uma praia boa na maior parte das vezes.

Noutro contexto, isto é, se esta mesma praia me interessasse a mim, como ouvinte, só para esse dia, essa tarde, ou mesmo só para esse momento, as hipóteses ou implicações a que eu chegaria

seriam diferentes. Aqui não me interessaria tanto saber se esta praia era sempre boa ou não. Poderia era chegar à conclusão de que talvez valesse a pena vestir o meu fato de banho e penetrar na água, ou, no caso de ser Mãe e ter ali os meus filhos, ficasse toda feliz de poder deixá-los brincar na água visto o sol brilhar, a temperatura estar agradável e notar a areia limpa e em condições para que tanto eu como os meus filhos nos pudéssemos estender ou brincar sobre ela.

Noutro contexto ainda, em que tanto o falante como o ouvinte já se encontram a passar uns dias nessa mesma praia, com dias de chuva, de vento e de frio, e tudo de repente resplandece: o sol brilha, o dia aqueceu, não há vento, e, ao meter a mão ou o pé na água vem logo a vontade de um mergulho. O falante dirá 'A praia está boa' e não 'A praia é boa'!

Quanto ao exemplo

2b. A Amélia está bonita.

Pergunta-se: Porque será que o falante diz que ela está bonita? Isto não implicará logo que ele não a considera realmente de feições bonitas, bonita na verdadeira acepção da palavra? Aqui o contexto é também importante. Num deles, o falante pode ter achado sempre a Amélia ou feia ou simplesmente de um semblante vulgaríssimo e, de repente, está a vê-la muito bem arranjada, com um penteado que lhe realça algum traço bonito que se encontrava escondido, vestida de outra forma mais atraente, etc., etc.

Noutro contexto: o falante já não vê a Amélia há muitos anos e, como ela está já numa idade bastante avançada, ele imagina-a envelhecida de aspecto. Quando a vê, não diz 'A Amélia é bonita' mas 'A Amélia está bonita'. Refere-se àquele mesmo momento mas, como podemos ver, com implicações de várias ordens, muitas delas tão imperceptíveis que o ouvinte muitas vezes chega a conclusões que até podem estar completamente erradas. E isto é natural visto os dados que cada ser humano tem dentro do seu cérebro não corresponderem totalmente aos dados que se encontram no cérebro de outro ser humano. Tudo isto dependendo do tal 'background' de cada um, de todas as informações que cada ser humano foi adquirindo durante

todo o seu passado e que se podem relacionar com a informação transmitida pelo falante naquele mesmo momento.

Quanto ao terceiro exemplo:

3b. O Pai está velho.

Qual será a informação ou as informações que o falante está a transmitir? Se o Pai do falante estiver na casa dos 70 ou 80, será natural que ele esteja velho, porque o é. No entanto, mesmo com 70 ou 80 anos de idade, há pessoas que não estão velhas. Sentem-se com força, entram em muitas actividades, interessam-se pela leitura, pelo cinema, pelo teatro, reúnem-se com os amigos para cavaquear alegremente. Também há casos de pessoas que se encontram na casa dos 30 ou dos 40, que não são velhas, mas que estão velhas. As rugas apareceram cedo e abundantemente, os cabelos embraqueceram mais cedo do que seria usual, são pessoas tristonhas e não se interessam por nada que as rodeia.

O quarto exemplo:

4b. O João está doutor.

Qual será a diferença entre esta frase e a frase 'O João é doutor'?

O verbo SER diz-nos que o João é autenticamente um doutor, e não ser que esta frase seja pronunciada com ironia, claro. Mas o que é que nos quer comunicar o falante com 'O João está doutor'? Aqui novamente só com o contexto e os conhecimentos que o ouvinte terá sobre esse tal João e sobre a comunidade em que ele se insere é que ele poderá chegar às implicações e que tem de chegar para compreender aquilo que o falante deseja comunicar-lhe sobre o João. Poderá querer comunicar num contexto que o João acabou de se formar, ou noutro, que o João está tão presunçoso da sua própria pessoa que se julga tão importante como se fosse um Doutor, etc., etc.

O quinto e último exemplo a que me refiro:

5b. Ela está rica.



também está imbuído de algo mais do que a simples frase 'Ela é rica'. Esta última transmite apenas um facto concreto, considerado honesto ou fingidamente verídico. 'Ela está rica', no entanto, transmite logo a um ouvinte nativo da língua que ela está rica agora mas que não foi sempre rica. É isto sem falar de frases pronunciadas ironicamente.

Como vimos, estas frases adjectivas que se podem utilizar ou com SER ou com ESTAR não são tão idênticas como parece à primeira vista. É minha opinião que o conhecimento puramente semântico do verbo SER será o suficiente na maioria dos casos para se fazer uma interpretação correcta das frases em que se encontra inserido pois que basta conhecermos somente o significado propriamente dito do verbo.

No entanto, para se chegar à interpretação mais ou menos correcta das frases em que é o verbo ESTAR que se encontra inserido nelas, não basta um estudo puramente semântico, ou seja, um estudo que procura chegar ao conhecimento puramente linguístico que se tem do conjunto dos vocábulos e da influência exercida pela sua estrutura sintáctica. É necessário, além disto, percorrer mentalmente todas as vias ao nosso alcance que estejam relacionadas com a pragmática, aquele nível linguístico que parte do conhecimento puramente semântico das frases e que olha em redor, no exterior, e para dentro, no interior do cérebro, para juntar tudo o que sabe e que se pode relacionar com as frases proferidas. Para se entenderem bem estas frases, quer proferidas, quer escritas, com o verbo ESTAR, é necessário conhecer alguma coisa sobre o modo de ser do falante, da comunidade de que ele faz parte, da situação em que tanto o falante como o ouvinte se encontram, dos conhecimentos que se encontram já na memória e que possam relacionar-se com o assunto da frase. Tudo isto faz parte do contexto dentro desta teoria pragmática já mencionada, ou seja, a Teoria da Relevância.

Já Pountain (1982), referindo-se à Língua Castelhana, rejeitava em absoluto ver na unidade lexical superficial de SER e ESTAR uma mais profunda unidade semântica. Segundo ele, cada um destes verbos serve para utilizações diferentes, não sendo estas facilmente reconciliáveis.

Tendo-me limitado nesta comunicação às frases adjectivas, gostaria de falar nas dicotomias tradicionalmente utilizadas que tentam dar uma explicação aceitável da razão ou razões por que umas frases eram construídas com SER e outras com ESTAR. Os estudos foram quase totalmente dirigidos utilizando a língua Espanhola como objecto (Lemos, 1975). Interessam em relação à língua Portuguesa visto SER e ESTAR serem verbos comuns às duas línguas que são originariamente da Península Ibérica, embora haja diferenças na aceitação de algumas das frases por a sua utilização sofrer mudanças de sentido e/ou de construção em contextos diferentes.

A dicotomia que mais resultados parece dar é a que atribui ao verbo SER um sentido de permanência e ao verbo ESTAR o da temporalidade. Dizemos que

6a. O Paulo é bom.

com SER parece transmitir uma qualidade considerada permanente, como parte integrante de Paulo, enquanto que a frase

6b. O Paulo está bom.

com ESTAR parece transmitir que ele está bom nessa altura mas que o não é sempre. No entanto, embora o falante possa achar que o Paulo é sempre bom, isto não quer dizer que o Paulo é, na verdade, permanentemente bom. Do mesmo modo, dizendo o falante que o Paulo está bom nesse momento não quer dizer que ele não estará bom até ao fim da vida.

Outra das dicotomias apresentadas com frequência foi a que opõe propriedade e estado, sendo a propriedade uma característica do sujeito considerada como inata, inerente, permanente, e sendo o estado do sujeito algo acidental, não inerente ou inato, algo simplesmente temporário. Dizer que O Paulo é louco parece indicar que ele tem essa propriedade como algo inato, inerente, permanente. No entanto, a loucura pode passar-lhe e ele ficar uma pessoa normal. Além disso, dizer que O Paulo está louco indica, na verdade, um estado, mas este estado pode tornar-se numa propriedade dele até ao fim da vida.

Houve outros autores que utilizaram outras dicotomias. Entre elas:

- para SER inerente, acidental para ESTAR;
- para SER qualidade, estado para ESTAR;
- para SER normal, anormal para ESTAR;
- para SER inerente, não inerente para ESTAR;
- para SER substantividade, adverbialidade para ESTAR.

Todas elas se revelaram insatisfatórias e confusas pois foram sempre encontrados contraexemplos que deitavam por terra a esperança da solução que esclareceria os estudiosos da respectiva língua. Em minha opinião, todas as dicotomias apresentadas representam as mesmas intuições, diferindo apenas nos termos lexicais escolhidos por cada autor.

O verbo SER, na verdade, parece representar sempre aquilo que é considerado permanente, inerente, normal, enquanto que o verbo ESTAR parece representar algo mais acidental, temporário, anormal. E estas dicotomias até podem ser aceites na perspectiva que se dirige à subjectividade pessoal do falante. O falante pode, na verdade, considerar certas características com valor permanente ou temporário, com valor inerente ou não inerente, com valor normal ou anormal, sem o serem na realidade. Mas parece-me que a razão destes qualitativos em relação a ESTAR provém do seu uso para indicar algo que se apresenta de um certo modo em certo momento, chamando, por isso, a atenção do ouvinte para esse momento referido em especial, não interessando os momentos anteriores a esse, excepto para se fazerem comparações em relação a esse próprio momento. E será talvez por esta razão que será necessário procurar através da pragmática chegar ao conhecimento de como é que o ser humano consegue tirar uma informação mais variada, e por isso mais rica, das frases ou locuções, do que aquela que se encontra apenas limitando a sua atenção ao significado puro dos termos lexicais.

A solução deste problema sobre a escolha entre SER e ESTAR continua difícil. Quando pensamos que temos a solução, de repente ela esvai-se.

Acontece também que não são apenas estas frases adjectivas que merecem a nossa atenção. Há, por exemplo, as frases locativas.

A simples frase inglesa *He is here* pode ser traduzida para a língua portuguesa tanto como *Ele é aqui* como *Ele está aqui*. Cada uma destas traduções tem um significado diferente e pertence a um contexto diferente. O mesmo acontece com a frase inglesa *The theatre is here*, traduzível para *O teatro é aqui* e *O teatro está aqui*. Estas também se apresentam difficilimas de solucionar. Porque será que se utiliza nelas uma vez o verbo SER, outras o verbo ESTAR?

E como é que se explica a diferença de significado entre as frases como as seguintes:

O sonho foi um pesadelo.

ou

O sonho estava um pesadelo. ?

Não será que na primeira, com SER, é novamente um simples facto do passado que se está a relatar, enquanto que na segunda, com ESTAR, o falante se está a transportar ao momento exacto em que sentia o pesadelo? No entanto, o verbo SER, no pretérito imperfeito:

O sonho era um pesadelo.,

não parece também referir-se a um momento exacto, que é o momento da duração do pesadelo, o momento do facto que se repete dentro do passado?

A Teoria da Relevância diz-nos que é a noção de relevância que serve de motor para que uma comunicação entre o falante e o ouvinte possa ser bem sucedida. É esta noção de relevância que faz com que o falante diga apenas aquilo que considera necessário para que o seu ouvinte possa recuperar a interpretação desejada por ele. O falante tem de escolher os termos lexicais e as expressões de um modo tal que satisfaça o princípio da relevância e isto quer dizer que o falante tem de considerar quais são as expectativas de relevância do seu ouvinte na aquisição de novas informações. O falante também tem de o auxiliar a recuperar a sua mensagem com o menor esforço possível de processamento, e isto devido ao facto de a mensagem perder relevância à medida que aumenta o processamento mental

feito pelo ouvinte. Um ser humano que tenha de fazer um esforço mental demasiado, a fim de obter uma nova informação, acaba por perder o grande interesse de a obter que porventura tinha no princípio; a não ser, claro, que haja um motivo forte que o faça sentir a necessidade de fazer esse tão grande esforço.

O conteúdo linguístico da frase proferida tem o seu papel no processo da comunicação; mas, como já vimos, há outros factores que estão envolvidos neste processo como, por exemplo, as proposições que são comunicadas por meio destas locuções.

Estas proposições são compostas de uma mistura de informações lexicais e enciclopédicas e é a combinação de uma destas proposições com uma ou mais proposições provenientes do contexto que torna possível a dedução lógica de informações novas, ou seja, das implicações contextuais. É quanto maior for o número das implicações derivadas, mais relevância terá a locução.

Relacionando o problema dos verbos SER e ESTAR a esta teoria, parece-me que é possível encontrar uma explicação um pouco mais compreensível. Apesar de tanto SER como ESTAR terem, cada um, um significado lexical propriamente seu, algo mais é necessário para explicar o seu uso, pois que, como vimos em cima, temos que procurar conhecer o contexto em que se insere cada um deles.

Conhecermos o contexto, dentro desta teoria pragmática, é conhecermos a situação em que se encontram o falante e o ouvinte, é conhecermos a personalidade e a intenção do falante, é conhecermos a cultura e a linguagem geralmente usada tanto do falante como do ouvinte, é conhecermos as capacidades de dedução de ambos. Tudo isto está naturalmente ligado à cognição humana, à psicologia humana. Para chegarmos à compreensão das frases que nos são proferidas, temos de fazer um exercício mental que só pode ser compreendido através da pragmática, o nível linguístico que, além de se basear em tudo que é linguístico, tem de exercer a sua acção sobre todo o conhecimento não-linguístico e explicar como é que os seres humanos conseguem formar as suas implicações contextuais a partir das frases proferidas.

O ouvinte de uma frase com SER ou ESTAR já encontra uma pista, sendo esta a informação lexical intrínseca de cada um destes verbos e por isso mais depressa consegue recuperar a mensagem que o falante tinha a intenção de lhe comunicar. O nativo da língua Por-

tuguesa verá logo que a utilização do verbo ESTAR tem outras implicações diferentes e assim fará as suas deduções mentais baseando-se nesta informação linguística contida na frase proferida e juntando esta a todo o contexto que ele tem à sua disposição nesse momento para tirar daí todas as implicações que lhe possam interessar, visto quantas mais implicações contextuais ele conseguir deduzir, mais informativa será a mensagem comunicada.

#### BIBLIOGRAFIA

- ALVES, H. S. (1986) - "'Significação' e bases para uma teoria de Pragmática", *Diacrítica*, 1, pp. 131-145. Braga: Universidade do Minho.
- FRANCO, F. (1979) - *Ser and Estar in the Light of Modern Linguistics*. Thesis: University of Minnesota. (PhD)
- LEMOS, C. G. de (1975) - *The Use of Ser and Estar in Brazilian Portuguese with particular reference to Child Language Acquisition*. Thesis: University of Edinburgh. (PhD)
- POUNTAIN C. (1982) - "*\*Essere/Stare as a Romance Phenomenon*". In: Nigel Vincent and Martin Harris (eds). *Studies in the Romance Verb*. Oxford.
- SPERBER, D. and WILSON, D (1986) - *Relevance - Communication and Cognition*. Oxford: Basil Blackwell Ltd.